

# “Faz aquilo de novo!”: a questão da interpretação na prática psicanalítica com crianças

ENEIDA IANKILEVICH\*

---

**RESUMO:** A partir de um instigante artigo publicado por Antonino Ferro e Elena Molinari em 2011, no qual questionam a necessidade do uso de interpretações na psicanálise de crianças, a autora reflete sobre esta questão em sua prática clínica. Considera este tema ligado ao do mecanismo de ação da psicanálise e pensa sua especificidade quando o analisando é uma criança, ainda construindo sua habilidade para o uso da linguagem verbal como meio de comunicação. Usando vinhetas de sua experiência clínica, defende que não se deve prescindir do uso das palavras, que podem construir significado e mudança, ainda que não seja este o único veículo possível para tal. Enfatiza a necessidade de a pessoa em análise vir a reconhecer a teoria de si mesma que construiu a partir daquilo que viveu, para não ficar prisioneira deste único lugar. Acredita que palavras, intervenções verbais dirigidas a material inconsciente, são essenciais neste caminho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise de crianças. Interpretação. Uso de palavras no processo. Lugar do analista. Mecanismo de ação da psicanálise. Especificidade do tratamento de crianças.

## **“Do that again!”: the interpretation in psychoanalytical practice with children.**

**ABSTRACT:** Antonino Ferro and Elena Molinari published a paper, in 2011, questioning if it is still necessary to interpret in child analysis. Taking this paper as an incentive to think about her own position on the theme, the author uses her clinical experience as a way to construct her reflection. She considers that this issue is part of a major questioning about the mechanism of action in psychoanalysis. The specificity of treating children, who are still developing their ability to make use of their verbal language is emphasized. The author points out that words are still necessary to make it possible to the psychoanalytical couple to learn about the ‘theory of himself’ that the analysand has constructed along the life experiences he/she has had. She believes that words are essential for this to happen: interpretation in words that tries to make the unconscious less unknown and pervasive.

**KEYWORDS:** Children’s psychoanalysis. Interpretation. The using of word in the process. Analyst’s place. Action mechanism of psychoanalysis. Children’s treatment specificity.

---

\* Médica psiquiatra (UFRGS); membro efetivo em funções didáticas da SPPA; psicanalista de crianças e adolescentes (SPPA).

## I. “Faz aquilo de novo!”

Quando abro a porta para ela, uma menina de cinco anos entra e, decidida, vai à mesa onde ficam a casinha e os bonecos que usáramos na sessão anterior. Pega alguns, me entrega e diz “faz aquilo de novo?”. Isto me pega de surpresa. Fico pensando o que será “aquilo” que fiz. Então me dou conta que na sessão anterior os bonecos tiveram longas discussões sobre o que acontecia. Uns (personificados por ela) quebravam tudo, armavam armadilhas terríveis para os outros (também personificados por ela), enquanto os que eu personificava ficavam narrando a raiva que dá quando a gente não consegue o que quer. Discutiam entre si se isto seria por entender mal quando os grandes não estavam com a gente, ou quem sabe era por achar que não gostavam da gente, talvez porque a gente ficava mesmo com raiva? Então a discussão tornara-se geral, os bonecos-ela debatendo com os bonecos-eu a questão. O clima ficara muito intenso, a discussão acalorada. Os bonecos-ela começaram a insistir que pegara fogo na casa, os bonecos-eu defendiam a ideia de que a gente fica com medo de estragar tudo com a raiva que temos.

O pedido da menina ressoou intensamente em mim: como pensar o que acontecera? O que devia ser repetido? Este pedido sugeria que fora útil para ela o “embate” entre os personagens? De que modo? Material inconsciente pudera ser abordado nesta conversa, despertando o desejo da criança de seguir, confirmando a utilidade desta abordagem? Ou seria este um entendimento meu, a partir de minhas próprias convicções?

Penso esta solicitação como um indicador da efetividade do trabalho psicanalítico ou psicanaliticamente orientado com crianças que sofrem, como as que atendemos. Se acreditamos que fatores inconscientes determinam tal sofrimento e as inibições daí decorrentes, como ajudar? Desde Freud, o instrumento que acreditamos dispor para tal seriam as interpretações, a princípio “para tornar consciente o inconsciente”. Interpretações em palavras. O que introduz mais uma especificidade no trabalho com crianças, especialmente pequenas, ainda em fase de aquisição da linguagem verbal: como pensar a comunicação, qual o uso possível, ou necessário, das palavras? Como pensar no acesso ao inconsciente? E o lugar da simbolização?

Em 2011, Molinari e Ferro publicaram um instigante artigo, “O quanto ainda é preciso interpretar o brincar na análise infantil.” O interesse pelo mecanismo de ação da psicanálise está constantemente presente em minha prática e em meus estudos a partir desta, o que tornou a leitura deste artigo geradora de reflexões. E é a partir destas reflexões que pretendo construir o presente estudo.

## II. O que consideramos *interpretação*?

A psicanálise de crianças foi marcada por controvérsias desde seus primórdios. Controvérsias cujos desdobramentos repercutiram na teoria psicanalítica

como um todo. Podemos pensar (e eu acredito nisso) que este fato também demonstra ser o tratamento psicanalítico de crianças diferenciado pelas exigências de adequar a técnica ao momento do desenvolvimento do paciente, apenas. A busca pelo conflito inconsciente que interfere no desenvolvimento livre é a mesma, como forma de “estabelecer pontes com certas fantasias e modular as emoções a ela vinculadas, oferecendo-lhes [...] vias e alternativas para expressão simbólica e elaboração” (Sandler, E. H., 2016, p. 80). Esta autora afirma que procura fazê-lo na linguagem que se mostrar possível.

Uma das marcas deixadas por Freud, acredito, foi demonstrar a complexidade da subjetividade e vivências da criança, a ubiquidade do inconsciente na existência humana. O que torna a abordagem psicanalítica possível também com crianças. Tratar os aspectos infantis de um paciente adulto não é o mesmo que tratar um paciente que é criança. O adulto, inevitavelmente, atingiu um amadurecimento orgânico que a criança está desenvolvendo, com as óbvias diferenças decorrentes. Em pacientes adultos, trabalhamos com a regressão, ou aspectos impedidos de se desenvolverem por impactos traumáticos (ou outros) que interferem no livre uso de recursos fisiologicamente disponíveis. O mesmo pode acontecer com crianças, mas o alcance de seu desenvolvimento torna diferentes os recursos de que dispõem. Terá este fato alguma interferência no acesso ao inconsciente?

As adequações técnicas necessárias ao momento do desenvolvimento passariam pelo uso das palavras? Quais palavras? Esta questão não é circunscrita ao trabalho com crianças. Num “rápido zoom”, parafraseando Ferro (1995, p. 15), pelo estudo da interpretação na teoria da técnica em psicanálise, vemos uma mudança na concepção do que é interpretar e como devem ser formuladas as interpretações, acompanhando o desenvolvimento da teoria e da teoria da técnica. E, portanto, o entendimento do que é transformador no encontro analítico. Desde as formulações assertivas e explicativas iniciais de Freud, passando pela linguagem “concreta” de Klein, até uma perspectiva de “construir mente” inaugurada por Bion e desenvolvida desde então, seja qual for a posição teórica predominante do analista, a formulação das interpretações e o que se pretende com estas mudou. Talvez a mudança mais marcante seja em relação ao lugar do psicanalista na relação: do decodificador-tradutor que ensinaria o paciente a conhecer seu inconsciente ao participante de um trabalho de criar significado da dupla analítica, acredito que se possa dizer. As intervenções deste, de assertivas “absolutas”, tornam-se formulações que procuram propiciar o pensar sobre as emoções em campo e o que podem estar estas sinalizando do lugar de onde o analisando fala. Uma mudança tão marcante talvez justifique mudar o termo consagrado. Freud, em *Construções em Análise*, de 1937, especifica uma diferença entre interpretação, que seria dirigida a “algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou uma parapraxia” e o que denominou construção, “quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva, que ele esqueceu [...]” (p. 295). Mantém-se

a noção de um analista que “revela”, uma posição que mudou radicalmente com o desenvolvimento da teoria psicanalítica. No presente texto, uso o termo interpretação no sentido de intervenções que visam o inconsciente no e do campo, porque acredito que se pode manter o termo consagrado se pudermos ter esta evolução em mente, evitando a introdução de novos termos, o que nem sempre tem sido útil em nosso campo. Assim como Ogden (2005), sobre sua concepção da ação terapêutica da interpretação ser que “ao interpretar, o analista verbaliza simbolicamente o que intui ser a verdade da experiência inconsciente do paciente e, ao fazê-lo, altera o que é verdade e contribui para a criação de uma experiência potencialmente nova com a qual o par analítico pode fazer trabalho psicológico” (p.21).

Em uma vigorosa reflexão que demonstra, acredito, o desenvolvimento da psicanálise a partir da possibilidade de se repensar, de rever casos clássicos, questionar seus princípios e aprender com isso (fiel ao modelo que nos legou Freud, que modificava a teoria quando a prática clínica mostrava suas limitações), Caroline Millmann (2019), em comunicação pessoal, demonstra a complexidade dos fatores em ação num encontro analítico. Apresenta um caso publicado por Klein, sem o referir, não usando a descrição das interpretações verbais e pergunta-se (e pergunta-nos) no que residiria a diferença de um encontro atual. Com isso, a meu ver, enfatiza ser a escuta psicanalítica aquilo que atribui sentido ao acontecimento. Escuta construída a partir de nossas concepções teóricas (nossa teoria implícita). Não se pode mais pensar, deduz-se, ser a interpretação verbal o fator determinante da experiência analítica. A concepção de campo (Baranger e Baranger, 1961), os aportes de Bion e Winnicott, para citar autores importantes numa mudança de perspectiva teórica, ampliam nosso entendimento do acontecer na sessão. Ainda assim, afirma Caroline Millman, “interpretar sempre”. Penso que como forma de dar continente, tornar pensáveis angústias impeditivas, possibilitando o desenvolvimento da mente, a conquista da individualidade.

Estas reflexões, acredito, mostram ser necessário repensar o que designamos sob o termo interpretação. Nas palavras de Etchegoyen (1999, p. 11), “em psicanálise o termo ‘interpretação’ tem mais prestígio que precisão e está carregado de conotações ideológicas”. Para este autor, a invariante seria a busca pelo conteúdo latente, pelo que é inconsciente. Uma mente saudável seria uma mente capaz de ir constantemente atribuindo sentido às experiências vividas. Deste ponto de vista, a busca pelo conteúdo latente, pelo conflito inconsciente, foi desde o início da psicanálise pensada como forma de liberar a mente de suas amarras.

Em seu único encontro com Hans, Freud (1909) lhe explica, após levantar uma possibilidade de os cavalos “usarem óculos” ou bigode (o que o menino nega, ao mesmo tempo que afirma que o pai também não o faz, contra a evidência do pai ali, de óculos e bigode), que ele temia o pai justamente por amar tanto a mãe. Diz-lhe: “muito antes de nasceres eu já sabia que haveria um pequeno

Hans que iria amar tanto a sua mãe que teria medo do pai por causa disso, e eu havia contado isso a seu pai” (p. 52). A sessão continua, trazendo dados preciosos, na escuta de Freud, para a confirmação de suas teorias. Este autor descreve como, “no caminho de volta à casa, Hans perguntou ao pai: ‘Então o professor fala com Deus, para saber tudo antes?’”. E Freud escreve que “ficaria bastante orgulhoso desse reconhecimento vindo de uma criança, se o não tivesse provocado eu mesmo com minha divertida jactância” (idem). Podemos ler Freud, à luz das descobertas mais recentes da psicanálise, descrevendo a interação das mentes na construção da sessão. Mas o que eu gostaria de destacar é o uso de palavras e os efeitos destas na construção do entendimento.

O risco, no trabalho com crianças, seria acreditar que as palavras são prescindíveis. Uma leitura superficial do trabalho de Ferro e Molinari (2011) poderia criar este mal-entendido. Como se eles sugerissem que apenas o compartilhar o brincar com a criança obtivesse o efeito liberador da criatividade, do desenvolvimento, desejados. O que me parece importante destacar é que a formulação não personificada, talvez insaturada, na linguagem do próprio Ferro, poderia estar sendo considerada “não interpretação”. Em uma passagem (p. 304), os autores descrevem uma brincadeira de um paciente que faz um ninho numa caixa, onde estão “três passarinhos recém-nascidos e que a mamãe precisa levar uma minhoca para cada um deles para que não briguem. Ao lado faz uma toca e diz que é a dos pais dos passarinhos. ‘Talvez os passarinhos gostassem mais de ficar na toca ao invés de sozinhos em cima da árvore’, acrescento.”. O menino olha o analista e sorri, trazendo mais detalhes ao brinquedo. Desenha “o que se vê embaixo da água”, respondendo a uma pergunta do analista: um peixe com luz (daqueles que dão choque) e o seu filhote que está mamando; um tubarão-baleia e um peixe-bola, que incha quando se assusta. O analista diz que nesta parte do mar acontecem “coisas estranhas e talvez um pouco perigosas”. O menino deixa o desenho e volta a brincar com o navio, este atingido por ondas fortes. Avalia o navio, que pode ter sido “avariado por um recife”(p. 304-5). A corajosa e consistente reflexão sobre o que se passara, que leva o analista (que parece ser Molinari) a perguntar-se se não teria sido melhor abordar por outra forma de expressão o que acontecia na sessão (“teria sido melhor se eu tivesse escolhido uma forma mais próxima do brincar”. “Hoje, por exemplo, eu mesma teria desenhado, em uma folha à parte, um outro peixe perigoso”), é o que me faz pensar. Afinal, como os autores mesmo afirmam, o conceito de periculosidade não poderia ser evitado. Penso que as reações resistenciais também podem ser respostas confirmatórias das intervenções. E que o risco é ficar impedido o inevitável embate na sessão quando um entendimento novo se constrói. O que impediria o crescimento e desenvolvimento da dupla e do processo.

Ester H. Sandler (2016) descreve como, “ao longo do tempo, tive que repensar a interpretação, o ato psicanalítico por excelência, tantos eram os gritos e ouvidos tapados quando a atmosfera da brincadeira, o sonho-a-dois eram interrompidos para que eu desse uma interpretação” (p. 80). Esclarece de que

interpretação falava em outro momento, quando descreve como, ainda assim, “às vezes, de acordo com a situação, considere necessário, imprescindível mesmo, falar em seio, pênis, vagina, fezes e bebês” (p.80). Sua indagação de “como, quando e por que recomendações oriundas da experiência se convertem em padrões rígidos de conduta, cânones” (afirmação que atribui a P.C. Sandler) assinala a questão que desejo pensar e tenho aprendido com meus pacientes, como a menina que pede que eu “faça aquilo” de novo e encontro em muitos textos de teoria da técnica de autores variados.

Caroline Millmann levanta a possibilidade de, distantes do impacto da linguagem usada por Klein em suas interpretações, ouvirmos “outras conversas” que também aconteciam em seu encontro com Ruth, a paciente cujo caso descrito por Klein Caroline Milman aproveita. Conversas que foi preciso o desenvolvimento posterior da teoria a partir da prática clínica para se tornarem audíveis. Como no longo processo que possibilita à dupla analítica ir construindo uma linguagem própria, particular, que torne pensável o que ainda não o foi.

Quando descrevem a situação clínica do menino que precisava enfrentar-se com a terrorífica periculosidade, Ferro e Molinari (2011) dão um exemplo também de uma formulação que, acredito, fez minha paciente pedir que seguissemos conversando daquela maneira. É quando o analista fala do desejo dos passarinhos de estar na toca dos pais. Considero esta uma interpretação, na medida em que é uma intervenção dirigida ao material inconsciente. Como aprendemos com Klein, a personificação no brinquedo possibilita a vivência da emoção em forma tolerável. E é um processo de simbolização acontecendo. Aprendi com meus pacientes crianças que interpretar em relação a esta personificação (“os passarinhos prefeririam”, dizem Ferro e Molinari a seu paciente) constrói uma via de acesso a aspectos inconscientes de outra forma inacessíveis e intoleráveis. Quando a menina pôde discutir fortemente comigo, ou, melhor dizendo, personificar em nosso encontro na sessão possibilidades diversas de entender sua vivência de “casa incendiada”, a abertura para o pensar e os efeitos disto (acredito que libertadores) nos indicaram um caminho, uma linguagem possível. Como um conto de fadas permite a vivência de conteúdos humanos intoleráveis desde uma distância tranquilizadora, em que a criança não é chamada a arcar com a responsabilidade pelo que sente e imagina ter causado, a elaboração se torna possível. Se formulamos, como Klein o fazia, “detalhe por detalhe como ela invejava e odiava a mãe por esta haver incorporado o pênis do pai durante o coito e como queria roubar o pênis dele e as crianças que estavam dentro da mãe, e matar a mãe” (Klein, 1932), acredito que ouviremos os gritos e tapar de ouvidos de que fala Ester Sandler. Mas não tivesse Klein o feito, e discutido tão duramente com Anna Freud e outros psicanalistas seus contemporâneos, possivelmente não teríamos vivido a experiência e aprendido com ela, contribuindo para o desenvolvimento da psicanálise e a ampliação das possibilidades de atender crianças.

Winnicott (1960) destaca ser o mundo externo não apenas fonte de frustra-

ção, como a teoria costumava enfatizar, mas também de alívio, na medida em que a realidade demonstra que a destruição causada em fantasia não aconteceu na realidade factual. Talvez nesta concepção, e levando em conta o desenvolvimento do pensar na criança, possamos aproveitar o modo “faz-de-conta” (Fonagy e Target, 1996), aquisição do desenvolvimento, para examinarmos sentimentos vividos como realidades terríveis se indicados diretamente.

Aprendemos com Winnicott (1971, p. 20-35) a delicadeza possível no encontro com um menino portador de uma deformidade física (sindactilia) que possibilita poder olhar a própria deformidade e encontrar um sentido para o que vive. O que resultou em ensinar o analista e a si mesmo que, por mais que admita cirurgias corretivas, “a primeira coisa é ser amado como eras quando nasceste” (p. 30). E o encontro com a realidade de a mãe ter a mesma deformação. Em nenhum momento deste encontro relatado por Winnicott, este referiu-se diretamente às mãos deformadas que se apresentavam segurando o papel em que os rabiscos aconteciam. Esta forma de conversar através do pato que desenhavam repetidamente possibilitou, nas palavras do autor, que olhasse não só para suas mãos como também para sua deformidade, e que fizesse uma significativa verbalização de seu problema. Ensina Winnicott pensar “que era isso (sem intenção consciente) ao que queria ele chegar no contato profissional que eu lhe estava brindando”. Penso ser imprescindível possibilitar a nossos pacientes a máxima verbalização possível de seus problemas. Diferenciar realidade factual de realidade psíquica faz parte da conquista da capacidade simbólica que cria continente e possibilidade de elaboração, crescimento, desenvolvimento.

Cabe assinalar que estas reflexões sobre a evolução do conceito de interpretação são válidas não só no atendimento de crianças. De forma similar, a interpretação psicanalítica, ainda entendida como ferramenta essencial do método, adquire outra abrangência. Ogden (1994) fala em “interpretação em ação” e afirma ser um trabalho de interpretação a discussão na sessão sobre um livro, um filme. O trabalho com pacientes não-neuróticos tornou possível o uso de manifestações não verbais como veículos de comunicação e interpretação, ampliando a abrangência de nosso método. Não por acaso, psicanalistas que trabalham com crianças e adolescentes (cujo meio de expressão passa pela ação) surpreendem-se menos com esta possibilidade.

Não dar significado às experiências na sessão é deixar de usar o que de mais efetivo a psicanálise possibilita. Acredito que este significado é conquistado via interpretação. A experiência de viver uma experiência diferente da conhecida é útil, mas poder pensá-la como algo que foi possível transformar em outra experiência pela modificação das fantasias envolvidas ensina sobre a capacidade de criar a própria vida. Minha paciente queria “fazer de novo” a experiência de questionar o incêndio que causara e vivia em sua realidade psíquica cotidiana. Para isso, precisávamos fazer os bonecos discutirem muito, brigarem, olharem juntos e de novo, até que foi possível verbalizar que “até a gente às vezes sente o que eles estão falando, e dá para entender o medo que eles sentem”. Acredito

que esta formulação verbal conquistada ajudou a menina a conhecer e poder contar com sua capacidade mental como recurso para as experiências emocionais se tornarem fonte de vida e crescimento.

### **III. “Não estou mais interessado nestas tuas ideias!”**

Ouvi esta exclamação de um menino que iniciara seu tratamento por ser “muito inibido, com dificuldade de fazer amigos” e terminava, agora, uma criança encantadora em seus 8 anos, divertido e com um senso de humor sutil e preciso, que divertia aos agora muitos amigos e a mim. Disse estas palavras olhando em meus olhos, com um sorriso aberto e expressão provocativa, evidentemente também numa referência à data de nossa separação, que se aproximava. O que quero trazer, do muito que se pode pensar, é ter-se evidenciado terem acontecido “ideias que interessavam”. Ideias, foi a palavra que ele usou. Ideias, desde Freud, que usam representações-palavra. Uma das descobertas deste menino, ao longo de nosso trabalho, foi sua capacidade de usar palavras e fazer desta capacidade uma forma de relacionar-se.

Em um capítulo em que reflete sobre o uso da linguagem em psicanálise, Ogden (2013) insiste que as palavras, na sessão, devem ser usadas de forma imprecisa, numa “imprecisão evocativa” (p. 196), para desarrumar “aquilo que é dado”, crenças imobilizadoras. Enfatizando que a linguagem não se reduz ao uso de palavras, o autor reflete sobre a inevitabilidade do uso de palavras na sessão. Eu penso ser a aquisição da palavra, escrita, lida, falada, como destaca Ogden, uma conquista da humanidade. Assim como não se deve ficar preso à escuta das palavras como única forma de linguagem no encontro, acredito que não se deve temer o uso destas. Aprendi, de meus primeiros professores em psiquiatria de crianças e adolescentes, que possibilitar a estes o máximo uso de sua habilidade para a linguagem falada é um dos ganhos do tratamento. Concordo com Ogden quando afirma que a linguagem “tanto do analista quanto do paciente está morta (e pensamento e comunicação cessam) quando o uso da linguagem transmite certeza em oposição à tendência, conhecimento em oposição a um sentido provisório, sempre cambiante das coisas, fixidez em oposição a movimento e mudança” (p. 207).

Se, como acredito, a grande modificação na concepção da psicanálise diz respeito ao lugar do analista, isto não quer dizer que aconteceu uma simetriação de papéis. Nossa escuta torna audíveis à pessoa que nos procura, seja qual for a idade que tenha, “barulhos”, manifestações de uma relação consigo mesmo que ensurdece, que imobiliza num lugar em que a experiência própria não pode acontecer, em que o “saber” torna-se impossibilidade de aprender. Aprender sua vivência subjetiva, talvez a única forma de tornar pessoal sua vida, sua história. Tentamos que este “barulho” encontre lugar, crie indagações, possibilite a vivência das emoções. “O discurso analítico exige do par o desen-

volvimento de uma linguagem metafórica adequada à criação de sons e de significados que reflitam como é pensar, sentir e vivenciar fisicamente (em resumo, estar vivo enquanto ente humano na sua capacidade máxima) em um dado momento”, nas palavras de Ogden (2013, p. 196). O papel do analista diz respeito a estar o mais atento e livre possível para procurar escutar este “barulho” que o analisando não pode ainda ouvir, para aprenderem juntos o que isto pode estar expressando. Apenas acompanhar nossos pacientes, nossas crianças, enquanto brincam, possibilitar-lhes esta capacidade de brincar é importante, mas acredito que psicanálise é sobre ampliar a possibilidade de escutar a si mesmo, viver emoções próprias, criar-se um mundo, uma história (parafraseando Aulagnier, 1984), dar significado a suas experiências emocionais. Para que “nossas ideias” não interessem mais, a construção ou refinamento do canal de comunicação consigo mesmos, com o que lhes é específico possibilita a nossos analisandos construir vida, relações, confiança em si mesmos. Como quando este menino podia brincar, ironizar e ser tão preciso ao descrever nosso novo momento. Dando palavras à aproximação da separação pela alta, com suas intensas vivências, com que tínhamos, ambos, que arcar.

Denominemos nossa ação como a denominemos, cabe ao analista tornar audível o que o analisando não pode ainda ouvir, mas nos conta. Isto é feito de muitas maneiras. A linguagem é maior que o uso das palavras em si. Pretendo ainda usar a palavra interpretação para designar nossas intervenções dirigidas ao sentido inconsciente, pois acredito que as palavras são capazes de crescer, desenvolver-se, junto e a partir das ideias que veiculam e as criam. Ogden, por exemplo, em 1994, fala em “interpretação em ação”, ou “ato interpretativo”, uma modalidade de intervenção que acontece sem o uso de palavras. Mas a palavra é instrumento necessário e imprescindível para que um encontro analítico aconteça. Desde Freud, a “cura pela fala”. Fala hoje compreendida de forma mais ampla, mas que também não prescinde das palavras como um dos meios de dar sentido à experiência emocional.

Para finalizar, uma experiência emocionante que tive: às voltas com estas indagações, em especial sobre o lugar da palavra na experiência analítica, e movida pela leitura deste autor que me diz tanto, escrevi um e-mail a Ogden, perguntando-lhe se algo que escrevera sobre uma experiência vivida com uma paciente e que sentira transformadora, ele pensava que deveria ser posta em palavras. Sua resposta, que me surpreendeu e honrou, foi menos esclarecedora do que eu gostaria, obviamente, mas me fez pensar. Disse-me que dependeria do clima da sessão. De minha parte, acredito que podem acontecer “momentos de encontro” em “momentos presentes” (Stern, 2007), em que mudanças acontecem. Apenas explicá-los não os torna efetivos, precisam ser experienciados no encontro. Mas poder torná-los narráveis na dupla analítica constrói abertura e cria significado. E pensamento individual. Esta narrativa, que só acontece nesta estranha realidade que é nosso encontro com as pessoas - de qualquer idade- que nos procuram movidas por sofrimento, limitações na construção de uma

vida própria, pode ser chamada “interpretação”? Possivelmente.

Acredito que para o menino “não se interessar mais por minhas ideias” foi necessário um longo caminho em que ideias foram criadas, faladas, discutidas, reformuladas, desconstruídas, reconstruídas, para dar lugar à escuta de suas ideias, vivências, emoções próprias.

Uma menina de cinco anos entra em meu consultório pela primeira vez e, depois de explorar a sala, brincar “animadamente”, olha em meus olhos com uma intensidade tocante e pergunta “e se pegar fogo no consultório?”. Fortemente impactada pela emoção que me tomou, lembro do relato da mãe de ter ela perdido o pai subitamente. Naquele momento, optei por dizer-lhe que difícil a gente não saber o que pode acontecer, porque coisas muito ruins, como pegar fogo no consultório, podem acontecer. Mas também não precisam acontecer sempre, ou porque ela entrara. E estávamos vendo que era possível o consultório, eu e ela estarmos bem para brincarmos de novo. O alívio que aconteceu entre nós indicou um caminho a seguir. Ao longo dos anos em que esta menina inteligente e sofrida e eu trabalhamos, seu temor de destruir o que amava, de ser a causadora da morte do pai (“não lhe deu tchau”) pôde ser reconhecido, transformado em palavras e questionado. A dor não deixou de existir e ser um sentimento, sabíamos, de sua vida. Mas foi possível, mesmo para esta menina pequena, discriminar a teoria que estabelecera de si mesma (“destruo o que amo”, em palavras adultas), deixando esta de ser a única possibilidade de se perceber. Com isso, o trabalho de luto encontrou um caminho, um lugar, possibilitando que outras relações essenciais pudessem ser usufruídas a partir do questionamento de sua própria periculosidade. Tornou-se mais livre para o desenvolvimento criativo, a contínua construção de si mesma que nos torna indivíduos. Ajudar nossos pacientes, de qualquer idade, a reconhecer a teoria de si mesmos que inconscientemente construíram (ou constantemente constroem) a partir das experiências que vivem, possibilita construir-se como sujeitos, ampliar a mente. Não acredito que isto seja possível sem o que se convencionou chamar, a partir de Freud, interpretações. Quando disse para esta menina, em nosso primeiro e tão forte encontro, ser difícil não se saber o que poderia acontecer, porque coisas ruins podem acontecer, mas nem sempre, nem por ter ela entrado, acredito que fazia uma intervenção dirigida ao inconsciente que se manifestava. Penso que, se não o tivesse feito, poderia predominar o temor que a impedia de voltar à escola, visitar os avós, desde a morte do pai. Numa interpretação inicial, aberta, numa “hipótese de trabalho”, como Etchegoyen (1987) afirma serem as interpretações, iniciamos este diálogo tão único da psicanálise, acredito.

Talvez a crítica maior de Ferro e Molinari (2011) diga respeito às interpretações cheias de certezas, em linguagem “técnica” que encontramos descritas na literatura, especialmente de um período de descobertas kleinianas? Chame-se como se chamar, um analista tem um trabalho específico a fazer, a busca pelo que é inconsciente, e instrumentos para fazê-lo. Para que ideias “não interessem mais”, ideias precisam ser veiculadas. Ideias que surgem da escuta do acon-

tecer na e da sessão. É função do analista tornar isto possível. E as palavras, acredito, ainda são essenciais neste entretecer.

## Referências

- Aulagnier, P. (1984). O Aprendiz de Historiador e o mestre-feiticeiro. São Paulo, Escuta, 1989.
- Baranger, W.; Baranger, M. (1961). La situación analítica como campo dinámico. In Baranger, W.; Baranger, M. Problemas del Campo Psicoanalítico. Buenos Aires, edicionesKargieman, 1969.
- Etchegoyen, R. H. (1987). Fundamentos da Técnica Psicanalítica. Porto Alegre, editora Artes Médicas, 1987.
- Etchegoyen, R. H. (1999). Un ensayo sobre la interpretación Psicoanalítica. Buenos Aires, editorial Polemos, 1999.
- Ferro, A. (1995). A Técnica na Psicanálise Infantil. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- Ferro, A.; Molinari, E. (2011). O quanto ainda é necessário interpretar na análise infantil? Consideração na esteira das ideias de Bion. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. XVIII, agosto 2011.
- Fonagy, P.; Target, M. (1996). Brincando com a Realidade I. *Livro Anual de Psicanálise*, v. XII. São Paulo, editora Escuta, 1996.
- Freud, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. X, p. 13-154.
- Freud, S. (1937). Construções em análise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1969, v. XXIII, p.289-304.
- Klein, M. (1932). A Técnica da Análise da Criança Pequena. In Klein, M. Psicanálise da Criança. São Paulo, editora Mestre Jou, 1969.
- Milman, C. (2019). *Comunicação pessoal*.
- Ogden, T. H. (1994). Os Sujeitos da Psicanálise. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.
- Ogden, T. H. (2005). This art of Psychoanalysis. London and New York, Routledge, 2006.
- Ogden, T. H. (2013). Reverie e Interpretação. São Paulo: Kultur, ed Escuta.
- Sandler, E. H. (2016). Desconcerto Tríplice para clínica, técnica e teoria na análise com crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 50 (3), 2016, p.76-90.
- Stern, D. N. (2007). O Momento Presente na psicoterapia e na vida cotidiana. Rio de Janeiro São Paulo, Record, 2007.
- Winnicott, D. D. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In Winnicott, D. W. Textos Seleccionados: da pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1978.
- Winnicott, D. W. (1971). Clínica Psicoanalítica Infantil. Buenos Aires, Editorial Home S. A. E., 1971.